

Eva Batlicková

**A insustentável leveza de pensar:
Jogos, joguinhos e jogaços de Vilém Flusser**

“Opinião, que verdade tem maior valor de que aparência, não é nada mais, de que um preconceito moral; ainda mais, trata-se da pior provada hipótese no mundo [...]. Porque nosso mundo não poderia ser ficção?”¹

Jean Baudrillard, *Le crime parfait*

Vilém Flusser, um intelectual de muitas faces – filósofo da linguagem, fenomenólogo, filósofo de mídia, ensaísta, intelectual engajado, diletante. Estas características e muitas outras são ligadas à personalidade controversa do judeu de origem tcheca que trocou a Praga histórica, então devorada pelo fascismo da segunda guerra, por São Paulo, cidade industrial, ansiosa pelo futuro, onde viveu mais de trinta anos.

A obra de Flusser, como seu autor, é dificilmente captável por qualquer tipo de generalização, não só porque o autor escreveu e publicou intensamente durante quase quarenta anos, portanto com tempo bastante para mudar temas, opiniões e estilos, mas principalmente pela quantidade de interesses e pela grande área na qual Flusser deixou flutuar seus pensamentos. No entanto, uma das poucas caracterizações que sua atividade permite é a luta contra todo tipo de limitação: sempre rejeitava incorporar-se ao discurso acadêmico, escrevia em quatro línguas para superar o poder dogmático e olhar unidimensional da língua materna (ou qualquer outra, se utilizada exclusivamente) e explicitamente se colocava fora do discurso regido pelas leis rígidas da lógica da racionalidade ocidental. Porém, tudo isso não o desqualifica do mundo da ciência; pelo contrário, o tempo mostra cada vez mais que ele foi um dos cientistas mais lúcidos da segunda metade do século 20. Vilém Flusser passou no Brasil uma grande e importante parte de sua vida. Trata-se da época em que ele ainda não conquistara sua fama internacional, mas durante a qual funda a base e a forma de expressão de seus pensamentos. É exatamente esta época crucial que vamos enfocar neste artigo.

Flusser entra no meio intelectual brasileiro no fim dos anos 50. Colabora com o jornal *O Estado de São Paulo*, com artigos para seu *Suplemento Literário*. Aproxima-se do grupo de intelectuais brasileiros e começa a frequentar o Instituto Brasileiro de Filosofia, tornando-se seu membro em 1962 e lá ensinando filosofia, com ênfase para a fenomenologia. Nesta época, já dá aulas em várias universidades e instituições paulistanas e paulistas. Em 1963, publicou seu primeiro livro,

¹ Tradução da autora.

Língua e realidade, e dois anos depois o segundo, *A história do diabo*. O último livro, lançado ainda durante sua atuação em São Paulo, foi a coletânea de ensaios *Da religiosidade*, em 1967. Vilém Flusser saiu do Brasil em 1972, quando o governo militar aumentava a pressão contra os direitos dos cidadãos, atingindo fortemente a liberdade das atividades intelectuais.

Nesta época inicial de Flusser podemos descortinar várias influências. Algumas ele trouxe da Europa, como a ligação da fenomenologia com a filosofia de linguagem, outras são de proveniência brasileira, como o estilo engajado de filosofar, tudo isso temperado pela visão do mundo budista, ligada à sua experiência espiritual pessoal. O resultado, como se pode imaginar, foi uma filosofia interessante, porém controversa. Flusser foi muitas vezes criticado por falta de seriedade científica, concretamente pela argumentação inconsistente nas suas obras, que flutua entre definições lógicas e imagens metafóricas, lutando muitas vezes com a força poética de palavra no lugar do raciocínio frio do cientista. Realmente, se quisermos submeter seus trabalhos ao olho severo de um cientista tradicional, sem a menor dúvida encontraremos muitos paradoxos óbvios e berrantes escondidos em suas teorias da realidade e da linguagem. No entanto, o que eu quero mostrar neste texto é que não foi falta de seriedade que levou Flusser ao discurso cientificamente incorreto, mas a tentativa de mostrar como este discurso é limitador para exprimir a complexidade do pensamento humano. Para este fim, ele desenvolveu várias estratégias.

A arma mais poderosa do filósofo é o jogo. Não um jogo qualquer, evidentemente. No seu livro *Fenomenologia do brasileiro*, escrito logo depois de sua saída do Brasil, Flusser descreve três estratégias que podem ser usadas durante um jogo. “Por exemplo: jogar para ganhar, arriscando derrota. Ou jogar para não perder, para diminuir o risco da derrota e a probabilidade da vitória. Ou jogar para mudar o jogo. Nas duas primeiras estratégias o engajado se integra no jogo, e este passa a ser o universo no qual existe. Na terceira estratégia o jogo não passa de elemento do universo, e o engajado está ‘acima do jogo’.” (Flusser 1998a: 169-170) Vilém Flusser usa a estratégia três para as suas obras, mas o que varia é a grande escala de formas de sua aplicação. Em *Língua e realidade* e nos ensaios da coletânea *Ficções filosóficas*², encontramos exemplos significativos e bem diversificados.

Começamos com a ludicidade peculiar de *Língua e realidade*. Trata-se do primeiro livro publicado pelo autor, porém na verdade o último a ser escrito, assim o mais maduro da fase brasileira de Vilém Flusser. Entre outras qualidades, exatamente esta obra mais se aproxima do trabalho científico comum, seguindo, aparentemente, a forma e o discurso da filosofia de linguagem. O livro discute a capacidade de a língua ser um espelho da realidade, ligada com a

² As *Ficções filosóficas* foram lançadas em 1998, mas compostas principalmente dos ensaios da época brasileira do filósofo.

condenação da teoria da correspondência da verdade. Daí, como vemos, nada excepcional para sua época, que redescobriu as idéias revolucionárias de Saussure as quais, junto com as de Wittgenstein, com a segunda virada lingüística e com as primeiras publicações tímidas dos estruturalistas, fizeram um grande terremoto no campo da lingüística e da filosofia de linguagem. Flusser baseia a concepção da linguagem, em *Língua e realidade*, na identificação do plano gramatical com o ontológico, considerando que nosso cosmo, assim, nossa realidade, é construída pela língua materna, com seu parcelamento específico do mundo e com suas regras gramaticais. Desta maneira, levanta não só a relatividade de nosso conhecimento, mas a relatividade da própria realidade, ou seja, das realidades concretas ligadas às respectivas línguas. O apelo para a tolerância entre culturas diferentes é, desta forma, levado para o plano ontológico.

O que estranha o senso do leitor atento desde o início é o tipo de argumentação que o autor usa para apoiar suas teorias, deslizando de argumentos lógicos para imagens metafóricas exuberantes, muitas vezes juntando as duas e criando assim um gênero próprio, na fronteira entre ciência e poesia. Um capítulo significativo, que oferece exemplo bastante eloqüente, é *A língua forma realidade*, no qual grande parte é dedicada à tentativa de revelar o espírito da cultura concreta por meio das regras gramaticais da língua respectiva. Geralmente, trata-se da análise das palavras auxiliares, cuja função gramatical Flusser substitui pela função significativa. Olhemos sua análise da construção gramatical do futuro de quatro línguas – alemão, inglês, português e tcheco. De acordo com sua teoria, o espírito alemão fatalista revela-se graças a palavra auxiliar “werden”, que forma o futuro gramatical e que está carregada pela passividade, por formar também o passivo gramatical. O espírito inglês, que o autor descortina na construção de seu futuro baseado nas palavras “shall” e “will”, junta o aspecto de obrigação e da vontade livre, explicando o caráter prático e ético da filosofia inglesa, que sempre oscila entre o empirismo e o idealismo. O futuro tradicional português é formado pelos sufixos derivados do verbo “haver”, de origem latina “habere”, isto é, “possuir”. Por isso a relação dos falantes da língua portuguesa com o futuro se dá na posse de alguma coisa – saúde, dinheiro, força etc. No entanto, a categoria mais nova e mais comum na formação do futuro gramatical português, principalmente na língua falada, é a construção por meio do verbo auxiliar “ir”. Flusser destaca seu significado espacial e chama a língua portuguesa de revolucionária, ligando tempo com espaço, a famosa descoberta da física moderna. Com o futuro tcheco, joga um jogo mais pesado, como se abusasse do fato de que dificilmente alguém no meio brasileiro verificaria seus procedimentos e resultados. Começa com o aviso para o leitor brasileiro de que a língua tcheca não possui o futuro, no sentido do português. Dos dois tipos de formação do futuro tcheco enfoca um, baseado no uso de grande número de prefixos. Flusser cria um clima de obscuridade, ao traduzir os prefixos tchecos pelas preposições portuguesas, embora as duas línguas usem tanto prefixos como preposições da

mesma maneira, sem qualquer confusão quanto ao seu emprego. Ainda mais, apesar de a gramática tcheca ter uma regra rigorosa para formação do futuro, Flusser afirma que o uso desta inundação de prefixos, de significado suspeito, possibilita criar apenas uma aura de futuro, ou seja, em tcheco o futuro nunca fica claro, o que daria ao espírito eslavo grande liberdade para criar seus próprios significados, possibilitando grande espaço para a fantasia individual. Ora, como para Flusser o tcheco era a segunda língua materna, não foi a falta de conhecimento que causou as falhas essenciais nas traduções e em toda sua análise do futuro tcheco.

Já aqui, se não vamos entender a falta da seriedade científica de Flusser como autoobjetiva, podemos perceber que ele prefere o poetismo e força das imagens à lógica aborrecida da ciência, como se as regras gramaticais fossem frias e pouco eloqüentes para demonstrar a diversidade e o poder ontológico e ético das línguas para as nossas vidas. Todas as dúvidas sobre suas intenções o autor tira no próprio fim do livro. A conclusão de *Língua e realidade* não é uma síntese clara das idéias oferecidas ao longo do livro, como se poderia pretender a partir de experiências com outros livros que já lemos. A conclusão deste livro serve a Flusser para despi-lo totalmente e revelar sua estrutura como logicamente inconsistente, por ser baseada na tautologia, ou seja, 203 páginas de um texto muitas vezes denso, mas sem a menor contribuição informativa. “Se definirmos ‘símbolo’ como ‘o apreensível’, e ‘o apreensível’ como ‘símbolo’, já que ‘símbolo’ é ‘símbolo’ e ‘o apreensível’ é ‘o apreensível’, símbolo é o apreensível. Se, em seguida, definirmos ‘conjunto de símbolos’ como ‘língua’, e ‘conjunto do apreensível’ como ‘realidade’, então a língua é realidade.” (Flusser 2004: 202). No entanto, do *nonsense* desta frase tautológica, Flusser culpa a lógica, que é um ácido que destrói todo o significado poético da língua. Assume que seu livro não foi conduzido no plano do discurso lógico, porque seu objetivo principal não foi manter a consistência lógica do livro. O fim de seu trabalho foi submeter sua teoria de que língua é realidade à discussão, e como entende o plano poético muito menos limitador e menos rígido de que o plano da lógica, a argumentação foi tecida nele.

Uma fonte rica das estratégias lúdicas encontramos também nos seus ensaios curtos, o gênero preferido por Vilém Flusser. “O ensaio vibra com a tensão daquela luta entre pensamento e vida, e entre vida e morte, que Unamuno chamava ‘agonia’. Por isso, o ensaio não resolve, como o faz o tratado, o seu assunto. Não explica o seu assunto, e neste sentido não informa seus leitores. Pelo contrário, transforma o seu assunto em enigma.” (Flusser 1998 b: 96). E Flusser prova na prática que esta concepção do ensaio não é mera retórica. Cria nos seus ensaios um mundo em si, sendo cada ensaio diferente do outro, com atmosfera que varia em cada um: todos são provocativos, porém cada um de seu jeito. Talvez possamos caracterizar a maioria dos ensaios como baseados num tipo de argumentação padrão, mas orientada para um alvo atípico. No ensaio *Um mundo fabuloso*, publicado no jornal *O Estado de São Paulo* em novembro de 1964, ele

deixa falar, numa reunião particular, três entes – um octópode, uma solitária e um embrião humano. O tema da discussão é a teoria darwinista, de acordo com a qual cada um tenta provar sua superioridade na hierarquia evolutiva. O octópode argumenta com as condições mais favoráveis para a vida nos oceanos, onde o *elan vital* tem maior força para sua realização. Destaca sua própria estética, que se origina na simetria radial, a riqueza dos seus órgãos sensoriais e seu poderoso cérebro central, simples e incomparavelmente o mais dotado de todos os seres vivos. Ao lado dele, o homem, como todos os vertebrados, parece um coitadinho ridículo. Antes de podermos humildemente concordar com esta argumentação bem formada e realmente aceitável, vale a pena prestar atenção no discurso sofisticado da solitária, que aproveita não só a teoria darwinista, mas também Nietzsche e Freud, para provar que é ela quem merece ser coroada a rainha da evolução. Sua força da fertilidade é a própria vontade de poder nietzschiana. Ela, que é capaz produzir 75 milhões de ovos e que superou a escravidão da alimentação e do movimento, transformando os vertebrados em escravos que a alimentam e carregam, dedicando a vida inteira apenas à sua libido, inventa para si o apelido de “o próprio amor encarnado”. E, o que pode ser surpreendente para leitor deste ensaio, também com ela temos que concordar em muitos aspectos. Porém, o embrião humano não faz por menos. Só ele é o único que argumenta em detrimento da teoria de Darwin, porque concorda que, de ponto de vista da evolução da natureza, realmente não está no topo, mas apresenta uma linda defesa em favor de sua espécie: “A vida é um processo que tende a superar-se a si mesmo. O homem, que é o ser mais inibido e mais doente, é, por isto mesmo, o ponto no qual a vida se supera a si mesma.” (Flusser 1998b: 26). No final, com certo alívio, descobrimos que Flusser não quer negar a excepcionalidade do gênero humano, mas o seu discurso é inquietante, ao ironizar os argumentos tradicionais e levantar a concepção original do ímpar humano.

No outro ensaio, *O mito do cubo*, publicado no mesmo ano no mesmo jornal, Flusser leva o leitor para dentro do mundo do sal de cozinha. O autor apresenta a ontologia, a ética e a estética salina, colocando-as como espelho de nossas teorias sobre o mundo. Ele apresenta o sal como existência, como sujeito do seu mundo. A *gestalt* da existência salina é um cubo, por isso “Cristalizamos, *ergo* somos.” [...] “Somos, como sal de cozinha que somos, prisioneiros do mito do cubo, mas livres dessa prisão que é o nosso mundo.” (Flusser 1998b : 30-31). Flusser leva a ontologia salina às últimas conseqüências, desenhando inclusive sua crise existencialista, um verdadeiro drama da existência salina que tem que enfrentar a sua absurdidade. Cruel é que a linha argumentativa de Flusser é coerente com a argumentação filosófica comum com a qual estamos acostumados, pondo em questão a legitimização do discurso fundador da cultura ocidental. O autor chama este tipo de discurso de a “mitofilia” humana e o acha perigoso, porque demagógico. Age como se quisesse descortinar a promiscuidade das regras lógicas nas quais é

baseado o discurso ocidental, mostrando que são aplicáveis em qualquer situação, mesmo a mais absurda, o que gera os resultados tradicionais de sempre e revela os nossos valores mais profundos como meras construções deste discurso.

A última obra que eu gostaria de colocar na minha linha argumentativa é um dos ensaios mais interessantes de Flusser, “Esperando por Kafka”, publicado pela primeira vez na revista *Comentário* em 1963. Não é mera coincidência que neste mesmo ano Flusser tenha publicado também *Língua e realidade*, onde apresenta sua teoria da linguagem. Este ensaio é, grosso modo, uma aplicação de sua concepção ontológica da língua na obra concreta, neste caso, na obra de Franz Kafka.

Aparentemente se trata de uma análise lingüístico-literária da obra do famoso, moderno e misterioso escritor de Praga, com que Flusser foi ligado não só pela mesma cidade, onde nasceram e passaram a infância e a juventude, mas também pela origem judaica de expressão alemã dentro do meio dos eslavos - os tchecos tradicionalmente evangélicos. Flusser, de acordo com sua teoria de *Língua e realidade*, de acordo com a qual a linguagem atribui o valor ontológico da realidade, afirma que civilização é conversação e, neste âmbito, formula sua definição de obra literária. Por um lado, ela é a resposta para a conversação que a precede e, de outro, provocação a respeito da conversação que a sucede. Quem se dedica ao primeiro aspecto da obra, a está analisando, fazendo crítica com atitude de curiosidade. Quem deixa despertar seu interesse pelo segundo aspecto, está conversando com a obra, atuando no campo da especulação. Neste caso, experimenta a obra com a sensação de uma certa simpatia com ela. As páginas seguintes se baseiam na afirmação de que a obra de Kafka não desperta simpatia e levanta argumentos para explicar porque é assim. As razões básicas são duas: a língua específica que Kafka usa e a curta distância do tempo que existe entre a época quando os livros foram escritos e hoje, quando são lidos por seus leitores. A língua é o alemão peculiar da comunidade judaica de Praga. Embora se trate de um alemão culto, é preso no meio eslavo, daí contaminado por sua gramática totalmente diferente e indigerível para o alemão, formando uma língua pedante e ao mesmo tempo ridícula, ligação que cria um clima de calafrio e de alucinação, tão insubstituivelmente kafkiano. O segundo problema, o temporal, Flusser encontra no caráter profético da obra de Kafka, razão porque ela se mostra incompreensível para nós, meros mortais que lemos suas obras com distância de apenas umas dezenas de anos. Flusser se deixa seduzir pela atmosfera religiosa da mensagem deste melancólico judeu praguense, afirmando que Kafka desenhou um retrato revolucionário de Deus em forma dum aparelho superorganizado, de um Deus que sente nojo de si mesmo. A idéia se revela tão horrorosa que Kafka escrevia seus livros em código, segundo Flusser, e, embora deixasse chaves para seu leitor decifrá-lo, entre as linhas nos vem a dúvida se não se trata duma chave falsa, dúvida esta que atingiu o próprio autor desta mensagem

heterodoxa.

Antes de nos sentirmos indignados frente aos sentimentos de Deus e de Kafka, dos quais o autor se apropriou, temos de lembrar que logo no início ele delimitou os dois campos – o da crítica e o da especulação – e, uma vez entrando no campo da segunda, jamais o abandonou. Mas não é seu espírito anárquico que causa estas superações das fronteiras entre gêneros. Ao contrário, é sua precisão que causa uma revolução no decadente império da ciência tradicional. E aqui se revela a excepcionalidade de Flusser não só como pensador, mas também como escritor, porque ele consegue apresentar uma teoria e cumpri-la ao mesmo tempo. Desta maneira, em *Língua e realidade* critica a limitação do discurso científico ocidental, atravessando seus limites na mesma obra e levando a argumentação no nível poético, o mais alto conforme sua taxonomia. O mesmo princípio ele aplica no ensaio *Esperando por Kafka*, deslocando a discussão, logo no início, para o campo da especulação – campo onde a obra vive, onde é possível o encontro com ela e onde ela é capaz de influenciar nossas vidas, longe do olhar frio e do cérebro analítico de um crítico literário comum que obedeça às regras estéreis do discurso acadêmico.

E é exatamente esta arte sofisticada que a maioria dos seus críticos rejeitava ver e aceitar. Ao longo da toda a atuação de Flusser, e mesmo depois da sua morte, surgiram críticas severas dirigidas tanto às suas obras concretas, quanto à própria forma da expressão. Uma bem significativa chama-se *A economia do pensamento*, escrita nos anos 90 por André Gunthert, diretor da Sociedade Francesa de Fotografia, editor da revista *Études Photographiques* e professor da história da fotografia. Apesar de se tratar principalmente da crítica de *Filosofia de caixa preta* de Flusser, portanto de uma época muito além da que enfocamos até agora, é bastante exemplar. O crítico fala sobre nosso filósofo com tom fortemente irônico, condenando sua falta da seriedade científica, concretamente sua falta de referências bibliográficas, seu discurso especulativo e a superficialidade dos seus pensamentos. Gunthert caracteriza o ensaio como um gênero de várias vantagens: “Menos árduo de escrever, menos caro para editar, menos longo de ler, o ensaio indica uma certa economia do pensamento, que possui suas vantagens.”(Gunthert 1997)

Eu, porém, depois de ter conhecido vários ensaios de Vilém Flusser, tenho de discordar deste crítico-fotógrafo, estando convencida de que Flusser usava o ensaio, mais do que pela economia do pensamento, antes pela economia da expressão, como se os seus ensaios fossem os picos de um iceberg, com uma base enorme e firme onde só a superfície se alterasse, trocando formas debaixo do sol da vida, vale dizer, da experiência pessoal e do objetivo profissional. Podemos ver esta superfície dinâmica como o seu campo de jogo com seus leitores.

Comecei meu artigo com uma citação do pensador francês Jean Baudrillard, e com outra dele mesmo gostaria também de terminar: “Ninguém é igual perante a lei, mas todos são iguais

conforme a regra de jogo, porque a regra de jogo é arbitrária.”³ (Baudrillard 2001: 98) Não é por acaso que Flusser foi muitas vezes colocado ao lado de Jean Baudrillard, e não foi apenas a marca *pós-histórico* que juntava estes dois intelectuais. É principalmente a ludicidade que pisca provocativamente dos seus trabalhos, indignando professores, irritando jornalistas e fascinando um amplo espectro de leitores.

Bibliografia

- Baudrillard, J. (1995): *Dokonalý zločin*. Tradução Dvorackova, A., Periplum, Olomouc 2001. Do original francês *Le crime parfait*. Paris, Éditions Galilée, 1995.
- Flusser, V. (1998^a): *Fenomenologia do brasileiro*. Rio de Janeiro, EDUERJ.
- Flusser, V. (1998^b): *Ficções filosóficas*. São Paulo, EDUSP.
- Flusser, V. (2002^a): *Da religiosidade*. São Paulo, Escrituras Editora.
- Flusser, V. (2002^b): *Filosofia da caixa preta*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.
- Flusser, V. (2004): *Língua e realidade*. São Paulo, Annablume.
- Gunthert, A.: “A economia do pensamento“. Publicado na revista francesa *La Recherche Photographique*, n.20, de 1997.

³ Tradução da autora.